

°ZAHIR

Outros títulos de Paulo Coelho:

O Alquimista

Brida

A bruxa de Portobello

O demônio e a srta. Prym

O diário de um mago

A espiã

Hippie

Maktub

Manual do guerreiro da luz

Na margem do rio Piedra eu sentei e chorei

Onze minutos

Veronika decide morrer

“Ó Maria, concebida sem pecado, rogai por nós,
que recorremos a Vós.” Amém.



pa
ra
le
la

Copyright © 2005 by Paulo Coelho

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

Publicado em acordo com Sant Jordi Associados Agencia Literaria S.L.U.,
Barcelona, Espanha.

www.paulocoelhoblog.com

A Editora Paralela é uma divisão da Editora Schwarcz S.A.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

CAPA Alceu Chiesorin Nunes

REVISÃO Nana Rodrigues e Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Coelho, Paulo

O Zahir / Paulo Coelho. — 1ª ed. — São Paulo :
Paralela, 2019.

ISBN 978-85-8439-145-5

1. Ficção brasileira I. Título.

19-27894

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORIA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.editoraparela.com.br

atendimentoaoleitor@editoraparela.com.br

facebook.com/editoraparela

instagram.com/editoraparela

twitter.com/editoraparela

No carro, eu havia comentado que colocara um ponto final na primeira versão do meu livro. Quando começamos a subir juntos uma montanha nos Pireneus, que consideramos sagrada e onde já vivemos momentos extraordinários, perguntei se ela queria saber qual era o tema central, ou o título; ela respondeu que gostaria muito de perguntar, mas, por respeito ao meu trabalho, não tinha dito nada, apenas ficara contente — muito contente.

Eu lhe disse o título e o tema central. Continuamos a caminhar em silêncio e, na volta, escutamos um barulho: o vento que se aproximava, passando pelo alto das árvores sem folhas, descendo até nós, fazendo com que a montanha de novo mostrasse sua magia, seu poder.

Em seguida veio a neve. Parei e fiquei contemplando aquele momento: os flocos caindo, o céu cinza, a floresta, ela ao meu lado. Ela, que sempre esteve ao meu lado, todo o tempo.

Tive vontade de dizer naquela hora, mas deixei para que soubesse apenas quando folheasse pela primeira vez estas páginas. Este livro é dedicado a você, Christina, minha mulher.

O AUTOR

*“Se um de vocês tem cem ovelhas e perde uma, será
que não deixa as noventa e nove no campo para ir
atrás da que se perdeu, até encontrá-la?”*

Lucas 15,4

*Quando você partir, em direção a Ítaca,
que sua jornada seja longa,
repleta de aventuras, plena de conhecimento.*

*Não tema Laestrigones e Ciclopes nem o furioso Poseidon;
você não irá encontrá-los durante o caminho
se o pensamento estiver elevado, se a emoção
jamais abandonar seu corpo e seu espírito.
Laestrigones e Ciclopes e o furioso Poseidon
não estarão em seu caminho
se você não carregá-los em sua alma,
se sua alma não os colocar diante de seus passos.*

*Espero que sua estrada seja longa.
Que sejam muitas as manhãs de verão,
que o prazer de ver os primeiros portos
traga uma alegria nunca vista.
Procure visitar os empórios da Fenícia,
recolha o que há de melhor.
Vá às cidades do Egito,
aprenda com um povo que tem tanto a ensinar.*

*Não perca Ítaca de vista,
pois chegar lá é o seu destino.
Mas não apresse os seus passos;
é melhor que a jornada demore muitos anos
e seu barco só ancore na ilha
quando você já estiver enriquecido
com o que conheceu no caminho.*

*Não espere que Ítaca lhe dê mais riquezas.
Ítaca já lhe deu uma bela viagem;
sem Ítaca, você jamais teria partido.
Ela já lhe deu tudo, e nada mais pode lhe dar.*

*Se, no final, você achar que Ítaca é pobre,
não pense que ela o enganou.
Porque você tornou-se um sábio, viveu uma vida intensa,
e este é o significado de Ítaca.*

Konstantinos Kaváfis
(1863-1933)

Segundo o escritor Jorge Luis Borges, a ideia do Zahir vem da tradição islâmica, e estima-se que surgiu em torno do século XVIII. Zahir, em árabe, quer dizer visível, presente, incapaz de passar despercebido. Algo ou alguém que, uma vez que entramos em contato, termina por ir ocupando pouco a pouco nosso pensamento, até não conseguirmos nos concentrar em mais nada. Isso pode ser considerado santidade, ou loucura.

Faubourg Saint-Pères,
Enciclopédia do fantástico, 1953

EU SOU UM HOMEM LIVRE

Ela, Esther, correspondente de guerra recém-chegada do Iraque porque a invasão do país deve acontecer a qualquer momento, trinta anos, casada, sem filhos. Ele, um homem não identificado, aproximadamente vinte e cinco anos, moreno, traços mongóis. Os dois foram vistos pela última vez em um café na rua Faubourg Saint-Honoré.

A polícia foi informada de que já haviam se encontrado antes, embora ninguém soubesse quantas vezes: Esther sempre comentara que o homem — cuja identidade ocultava sob o nome de Mikhail — era alguém muito importante, embora jamais tenha explicado se era importante para sua carreira de jornalista ou para ela, como mulher.

A polícia iniciou um inquérito formal. Foram aventadas as possibilidades de sequestro, chantagem, sequestro seguido de morte — o que não seria absolutamente de se estranhar, já que seu trabalho a obrigava a estar frequentemente em contato com pessoas ligadas a células terroristas, em busca de informação. Descobriram que sua conta bancária indicava saques regulares nas semanas anteriores ao seu desaparecimento: os investigadores consideraram que isso poderia estar ligado a pagamento de informação. Não havia levado nenhuma roupa, mas, curiosamente, seu passaporte não foi encontrado.

Ele, um desconhecido, muito jovem, sem nenhum registro na polícia, sem nenhuma pista que permitisse sua identificação.

Ela, Esther, dois prêmios internacionais de jornalismo, trinta anos, casada.

Minha mulher.

Sou colocado imediatamente sob suspeita e detido — já que me recusava a dizer meu paradeiro no dia do seu desaparecimento. Mas o carcereiro acaba de abrir a porta e dizer que sou um homem livre.

Por que sou um homem livre? Porque hoje em dia todos sabem tudo de todo mundo, basta desejar a informação e ela está ali: onde o cartão de crédito foi usado, quais os lugares que frequentamos, com quem dormimos. No meu caso, foi mais fácil: uma mulher, também jornalista, amiga de minha mulher, mas divorciada — e, portanto, sem problemas em dizer que estava dormindo comigo —, se ofereceu para testemunhar a meu favor ao saber que eu tinha sido preso. Deu provas concretas de que eu estava com ela no dia e na noite do desaparecimento de Esther.

Vou conversar com o inspetor-chefe, que devolve minhas coisas, pede desculpas, afirma que minha rápida detenção foi feita com base na lei, e que não poderei acusar ou processar o Estado. Explico que não tenho a menor intenção de fazer isso, sei que qualquer pessoa está sempre sob suspeita e sendo vigiada vinte e quatro horas por dia, mesmo que não tenha cometido nenhum crime.

— Você está livre — diz, repetindo as palavras do carcereiro.

Pergunto: não é possível que algo realmente tenha ocorrido com minha mulher? Ela já havia comentado comigo que, por causa de sua enorme teia de contatos no submundo do terrorismo, vez por outra sentia que seus passos estavam sendo acompanhados de longe.

O inspetor desconversa. Eu insisto, mas ele não me diz nada.

Pergunto se ela pode viajar com seu passaporte, ele diz que sim, já que não cometeu nenhum crime: por que não poderia sair e entrar livremente no país?

— Então existe a possibilidade de ela não estar mais na França?

— Você acha que foi abandonado por causa da moça com quem anda dormindo?

Não é da sua conta, respondo. O inspetor para um segundo, fica sério, diz que fui preso porque esse é o procedimento de rotina, mas sente muito pelo desaparecimento de minha mulher. Também é casado e, embora não goste dos meus livros (então ele sabe quem sou! Não é tão ignorante como parece!), consegue se colocar na minha situação, sabe que é difícil o que estou passando.

Pergunto o que devo fazer a partir de agora. Ele me dá seu cartão, pede que o informe se tiver alguma notícia — é uma cena que vejo em todo filme, não me convence, os inspetores sempre sabem mais do que contam.

Pergunta-me se algum dia eu encontrara a outra pessoa que estava com Esther na última vez que foi vista. Respondo que sabia seu nome de código, mas que não o conhecera pessoalmente.

Pergunta se temos problemas em casa. Digo que estamos juntos há mais de dez anos e temos todos os problemas normais de um casal — nem mais, nem menos.

Pergunta, delicadamente, se conversáramos recentemente sobre divórcio, ou se minha mulher estava considerando separar-se. Respondo que esta hipótese jamais existiu, embora — e repito “como todos os casais” — tivéssemos algumas discussões de vez em quando.

Com frequência ou de vez em quando?

De vez em quando, insisto.

Pergunta, mais delicadamente ainda, se ela desconfiava de meu caso com sua amiga. Digo que foi a primeira — e última vez — que dormimos juntos. Não era um caso, era na verdade uma falta de assunto, o dia estava aborrecido, não havia nada para fazer depois do almoço, o jogo da sedução é sempre algo que nos desperta para a vida e, por causa disso, terminamos na cama.

— Você vai para a cama só porque o dia está aborrecido?

Penso em dizer que não faz parte da investigação este tipo de pergunta, mas preciso da sua cumplicidade, talvez precise dele mais adiante — afinal, existe uma instituição invisível chamada Banco de Favores, que sempre me foi muito útil.

— Às vezes isso acontece. Não há nada de interessante para fazer, a mulher está em busca de emoção, eu estou em busca de aventura e pronto. No dia seguinte, os dois fingem que não aconteceu nada e a vida segue adiante.

Ele agradece, me estende a mão, diz que no seu mundo não é bem assim. Existe aborrecimento, tédio e

até mesmo vontade de ir para a cama — mas as coisas são muito mais controladas, ninguém faz o que está pensando ou querendo.

— Talvez com os artistas as coisas sejam mais livres — comenta.

Respondo que conheço seu mundo, mas não quero agora entrar em comparações sobre as nossas diferentes opiniões a respeito da sociedade e dos seres humanos. Fico em silêncio, aguardando o próximo passo.

— Por falar em liberdade, você pode partir — diz o inspetor, um pouco decepcionado pelo fato de o escritor estar se recusando a conversar com o policial. — Agora que o conheço pessoalmente, irei ler seus livros; na verdade, disse que não gosto, mas nunca os li.

Não é a primeira nem a última vez que escuto esta frase. Pelo menos o episódio serviu para que eu ganhasse mais um leitor: eu o cumprimento e vou embora.

Estou livre. Saí da prisão, minha mulher desapareceu em circunstâncias misteriosas, não tenho um horário fixo para trabalhar, não tenho problemas de relacionamento, sou rico, famoso, e, se de fato Esther me abandonou, encontrarei rapidamente alguém para substituí-la. Estou livre e sou independente.

Mas o que é liberdade?

Passei grande parte da minha vida sendo escravo de alguma coisa, portanto devia entender o significado dessa palavra. Desde criança lutei para que ela fosse meu tesouro mais importante. Lutei contra meus pais, que queriam que eu fosse engenheiro em vez de escritor. Lutei contra meus amigos no colégio, que logo no início me

escolheram para ser vítima de suas brincadeiras perversas, e só depois de muito sangue escorrido pelo meu nariz e pelos deles, só depois de muitas tardes em que precisava esconder de minha mãe as cicatrizes — porque eu tinha que resolver meus problemas, não ela — consegui mostrar que podia levar uma surra sem chorar. Lutei para arranjar um emprego que me sustentasse, fui trabalhar como entregador em uma loja de ferragens, para ficar livre da famosa chantagem familiar, “nós te damos dinheiro, mas você precisa fazer isso e aquilo”.

Lutei — embora sem qualquer resultado — pela menina que amava na adolescência, e que também me amava; ela terminou me deixando porque seus pais a convenceram de que eu não tinha futuro.

Lutei contra o ambiente hostil do jornalismo, meu emprego seguinte, onde o primeiro patrão me deixou três horas esperando e só me deu alguma atenção quando comecei a rasgar em pedaços o livro que ele estava lendo: ele me olhou, surpreso, e viu que ali estava uma pessoa capaz de perseverar e de enfrentar o inimigo, qualidades essenciais para um bom repórter. Lutei pelo ideal socialista, terminei na prisão, saí e continuei lutando, sentindo-me herói da classe operária — até que escutei os Beatles e decidi que era muito mais divertido gostar de rock que de Marx. Lutei pelo amor de minha primeira, minha segunda, minha terceira mulher. Lutei para ter coragem de me separar da primeira, da segunda e da terceira, porque o amor não tinha resistido e eu precisava seguir adiante, até encontrar a pessoa que tinha sido colocada neste mundo para me encontrar — e não era nenhuma das três.

Lutei para ter coragem de deixar o emprego no jornal e lançar-me na aventura de escrever um livro, mesmo sabendo que em meu país não existia ninguém que pudesse viver de literatura. Desisti no final de um ano, depois de mais de mil páginas escritas, que pareciam absolutamente geniais porque nem eu mesmo conseguia compreender.

Enquanto lutava, via as pessoas falando em nome da liberdade, e quanto mais defendiam este direito único, mais escravas se mostravam dos desejos de seus pais, de um casamento em que prometiam ficar com o outro “pelo resto da vida”, da balança, dos regimes, dos projetos interrompidos no meio, dos amores aos quais não se podia dizer “não” ou “basta”, dos fins de semana em que eram obrigadas a comer com quem não desejavam. Escravas do luxo, da aparência do luxo, da aparência da aparência do luxo. Escravas de uma vida que não tinham escolhido, mas que haviam decidido viver — porque alguém terminou convencendo-as de que aquilo era melhor para elas. E assim seguiam em seus dias e noites iguais, em que a aventura era uma palavra em um livro ou uma imagem na televisão sempre ligada, e, quando qualquer porta se abria, sempre diziam:

“Não me interessa, não estou com vontade.”

Como podiam saber se estavam ou não com vontade, se jamais experimentaram? Mas era inútil perguntar: na verdade, tinham medo de qualquer mudança que viesse a sacudir o mundo com que estavam acostumadas.

O inspetor diz que estou livre. Livre estou agora, e livre estava dentro da cadeia, porque a liberdade ainda

continua sendo a coisa que mais prezo neste mundo. Claro que isso me levou a beber vinhos que não gostei, fazer coisas que não devia ter feito e que não tornarei a repetir, ter muitas cicatrizes em meu corpo e em minha alma, ferir algumas pessoas — às quais terminei pedindo perdão, em uma época em que compreendi que podia fazer tudo, exceto forçar outra pessoa a me seguir em minha loucura, minha sede de viver. Não me arrependo dos momentos que sofri, carrego minhas cicatrizes como se fossem medalhas, sei que a liberdade tem um preço alto, tão alto quanto o preço da escravidão; a única diferença é que você paga com prazer, e com um sorriso, mesmo quando é um sorriso manchado de lágrimas.

Saio da delegacia, está um dia lindo, um domingo de sol que em nada combina com o meu estado de espírito. Meu advogado está me esperando lá fora com algumas palavras de consolo e um buquê de flores. Diz que telefonou para todos os hospitais, necrotérios (aquele tipo de coisa que sempre se faz quando alguém demora a chegar em casa), mas não localizou Esther. Diz que conseguiu evitar que os jornalistas soubessem onde eu estava detido. Diz que precisa conversar comigo, para traçar uma estratégia jurídica que me permita defender-me de uma acusação futura. Eu agradeço sua atenção; sei que ele não deseja traçar nenhuma estratégia jurídica — na verdade, não quer me deixar sozinho, porque não sabe como reagirei (vou embriagar-me e ser preso de novo? Farei um escândalo? Tentarei suicidar-me?). Res-

pondo que tenho assuntos importantes a tratar e que tanto ele como eu sabemos que não tenho nenhum problema com a lei. Ele insiste e eu não lhe dou escolha — afinal, sou um homem livre.

Liberdade. Liberdade de estar miseravelmente só.

Pego um táxi até o centro de Paris, peço que pare junto ao Arco do Triunfo. Começo a caminhar pelos Champs-Élysées, em direção ao Hotel Bristol, onde costumava tomar chocolate quente com Esther sempre que um de nós dois retornava de uma missão no exterior. Para nós era como um ritual de voltar para casa, um mergulho no amor que nos mantinha unidos, embora a vida nos empurrasse cada vez mais para caminhos diferentes.

Continuo caminhando. As pessoas sorriem, as crianças estão alegres por estas poucas horas de primavera em pleno inverno, o tráfego flui livremente, tudo parece em ordem — exceto que nenhuma destas pessoas sabe, ou finge não saber, ou simplesmente não se interessa pelo fato de que acabo de perder minha mulher. Será que não entendem como estou sofrendo? Todos deviam sentir-se tristes, compadecidos, solidários com um homem que tem a alma sangrando de amor; mas continuam rindo, mergulhados em suas pequenas e miseráveis vidas que acontecem apenas nos fins de semana.

Que pensamento ridículo: muitas das pessoas com quem cruzei trazem também a alma em pedaços, e eu não sei por que ou como estão sofrendo.

Entro em um bar para comprar cigarro, a pessoa me responde em inglês. Passo em uma farmácia para procurar um tipo de bala de menta que adoro e o empregado

fala inglês comigo (em ambas as vezes pedi os produtos em francês). Antes de chegar ao hotel, sou interrompido por dois rapazes recém-chegados de Toulouse, precisam saber onde se encontra determinada loja, abordaram várias pessoas, ninguém entende o que dizem. O que é isso? Mudaram a língua do Champs-Élysées nessas vinte e quatro horas em que estive detido?

O turismo e o dinheiro são capazes de fazer milagres: mas como não reparei nisso antes? Porque, pelo visto, eu e Esther já não tomamos aquele chocolate há muito tempo, mesmo que ambos tenhamos viajado e retornado várias vezes durante esse período. Sempre existe alguma coisa mais importante. Sempre existe um compromisso inadiável. Sim, meu amor, tomaremos o nosso chocolate da próxima vez, volte logo, você sabe que hoje eu tenho uma entrevista realmente importante e não posso buscá-la no aeroporto, tome um táxi, o meu celular está ligado, você pode me chamar se tiver alguma coisa urgente, caso contrário nos vemos de noite.

Telefone celular! Tiro-o do bolso, ligo imediatamente, ele toca várias vezes, em cada uma delas meu coração dá um salto, vejo na pequena tela os nomes de pessoas que estão me procurando e não atendo ninguém. Oxalá aparecesse um “sem identificação”; só poderia ser ela, já que aquele número de telefone é restrito a pouco mais de vinte pessoas, que juraram jamais passá-lo adiante. Não aparece, todos são números de amigos ou profissionais muito próximos. Devem estar querendo saber o que aconteceu, querem ajudar (ajudar como?), perguntar se estou precisando de alguma coisa.

O telefone continua tocando. Devo atender? Devo encontrar-me com algumas dessas pessoas?

Decido ficar só até entender direito o que está acontecendo.

Chego ao Bristol, que Esther sempre descreveu como um dos poucos hotéis em Paris onde os clientes são tratados como hóspedes — e não sem-teto em busca de abrigo. Sou cumprimentado como se fosse alguém da casa, escolho uma mesa diante do belo relógio, escuto o piano, olho o jardim lá fora.

Preciso ser prático, estudar as alternativas, a vida segue adiante. Não sou nem o primeiro nem o último homem a ser abandonado por sua mulher — mas será que isso precisava ter acontecido em um dia de sol, com as pessoas na rua sorrindo, as crianças cantando, a primavera dando seus primeiros sinais, o sol brilhando, os motoristas respeitando as faixas de pedestre?

Pego um guardanapo, vou tirar estas ideias de minha cabeça e colocá-las no papel. Vamos deixar o sentimento de lado e ver o que devo fazer:

a) Considerar a possibilidade de que tenha sido realmente sequestrada, sua vida está neste momento em perigo, sou seu homem, seu companheiro de todos os momentos, preciso mover céu e terra para encontrá-la.

Resposta a essa possibilidade: ela pegou seu passaporte. A polícia não sabe, mas também pegou alguns objetos de uso pessoal e uma carteira com imagens de santos protetores, que sempre levava consigo quando viajava para outro país. Retirou dinheiro do banco.

Conclusão: estava se preparando para partir.

b) Considerar a possibilidade de que tenha acreditado em uma promessa que terminou se transformando em uma armadilha.

Resposta: muitas vezes se colocou em situações perigosas — fazia parte de seu trabalho. Mas sempre me prevenia, já que eu era a única pessoa em quem podia confiar totalmente. Dizia-me onde devia estar, com quem entraria em contato (embora, para não me deixar em perigo, na maior parte das vezes usasse o nome de guerra da pessoa) e o que eu devia fazer no caso de ela não voltar até determinada hora.

Conclusão: ela não tinha em mente um encontro com suas fontes de informação.

c) Considerar a possibilidade de ter encontrado outro homem.

Resposta: não há resposta. É, de todas as hipóteses, a única que faz sentido. E eu não posso aceitar isso, não posso aceitar que vá embora desta maneira, sem ao menos me dizer a razão. Tanto eu como Esther sempre nos orgulhamos de enfrentar todas as dificuldades da vida em comum. Sofremos, mas nunca mentimos um ao outro — embora fizesse parte das regras do jogo omitir alguns casos extraconjugais. Sei que ela começou a mudar muito depois que conheceu o tal Mikhail, mas isso justifica a ruptura de um casamento de dez anos?

Mesmo que ela tivesse dormido com ele, se apaixonado, será que não iria colocar em uma balança todos os nossos momentos juntos, tudo o que tínhamos conquistado, antes de partir para uma aventura sem volta? Era livre para viajar quando quisesse, vivia cercada de homens,

soldados que não enxergavam uma mulher havia muito tempo, eu jamais lhe perguntara nada, ela jamais me dissera coisa nenhuma. Ambos éramos livres e nos orgulhá-vamos disso.

Mas Esther desaparecera. Deixando traços visíveis apenas para mim, como se fosse uma mensagem secreta: eu estou indo embora.

Por quê?

Vale mesmo a pena responder a esta pergunta?

Não. Já que na resposta está escondida minha própria incompetência de manter ao meu lado a mulher que amo. Vale a pena procurá-la para convencê-la a voltar para mim? Implorar, mendigar mais uma chance em nosso casamento?

Isso parece ridículo: é melhor sofrer como já sofri antes, quando outras pessoas que amei terminaram me deixando. É melhor lamber minhas feridas, como também já fiz no passado. Vou ficar algum tempo pensando nela, me transformarei em uma pessoa amarga, irritarei meus amigos porque não tenho outro assunto a não ser a partida de minha mulher. Tentarei justificar tudo o que aconteceu, passarei dias e noites revendo cada momento ao seu lado, terminarei por concluir que ela foi dura comigo, logo eu, que sempre procurei ser e fazer o melhor. Arranjarei outras mulheres. Quando caminhar pela rua, a cada instante vou cruzar com uma pessoa que pode ser ela. Sofrer dia e noite, noite e dia. Isso pode demorar semanas, meses, talvez mais de um ano.

Até que certa manhã acordo, noto que estou pensando em algo diferente e compreendo que o pior já passou. O co-

ração está machucado, mas se recupera e consegue de novo enxergar a beleza da vida. Isso já aconteceu antes, isso tornará a acontecer; tenho certeza. Alguém quando parte é porque outro alguém vai chegar — encontrarei de novo o amor.

Por um momento, saboreio a ideia de minha nova condição: solteiro e milionário. Posso sair com quem desejar, em plena luz do dia. Posso me comportar nas festas como não me comportei durante todos esses anos. A informação vai correr rápido e, em breve, muitas mulheres, jovens ou não tão jovens assim, ricas ou não tão ricas como pretendem ser, inteligentes ou talvez apenas educadas para dizer o que acham que eu gostaria de ouvir, estarão batendo à minha porta.

Quero acreditar que é ótimo estar livre. Livre de novo. Pronto para encontrar o verdadeiro amor de minha vida, aquela que está me esperando e que jamais me deixará viver de novo esta situação humilhante.

Termino o chocolate, olho o relógio, sei que ainda é cedo para ter essa agradável sensação de que faço de novo parte da humanidade. Por um momento sonho com a ideia de que Esther vai entrar por aquela porta, caminhar pelos belos tapetes persas, sentar-se ao meu lado sem dizer nada, fumar um cigarro, olhar o jardim interno e segurar minha mão. Meia hora se passa, por meia hora eu fico acreditando na história que acabo de criar, até perceber que se trata apenas de mais um delírio.

Resolvo não voltar para casa. Vou à recepção, peço um quarto, uma escova de dentes, um desodorante. O